



O tempo que esvai...

RÉGIS MACHADO

O tempo que esvai...

**RÉGIS MACHADO**

de 06 de fevereiro a 04 de abril de 2020

---

---

Saturno devorando um de seus filhos é a imagem que me vem à cabeça quando penso no correr do tempo... O tempo é implacável, não deixa pedra sobre pedra e todos somos devorados por ele. Nas engrenagens do tempo, movimentos aparecem e desaparecem, são reciclados, ressignificados, são devorados. Cada movimento artístico representando e marcando o que ocorre no mundo, seus medos e ansiedades.

Após as grandes guerras, o mundo se reinventa e a industrialização marca o cenário. No Brasil a indústria automobilística, o petróleo, a siderurgia e a comunicação explodem no país, trazendo influências nas artes. As formas da indústria se transformam em arte, novas matérias primas e novas linguagens, assim surgem o concretismo e o neoconcretismo no Brasil. O simbolismo e a abstração estão fortemente presentes nesse movimento artístico. Ocorre uma separação claro do naturalismo para o concretismo. Cores e formas surgem e se entrelaçam na nova arte. Cada região brasileira cria o seu estilo e a sua linguagem de comunicar a nova arte ao mundo. Surgem nomes como: Waldemar Cordeiro, Lothar Charoux, Geraldo de Barros, Ferreira Gullar, Lygia Clark, Lygia Pape, entre outros.

Dentro deste cenário nasce em Paraibuna/SP o artista Régis Machado, que iniciou sua produção nos anos 60 e continua produzindo ativamente. Em sua produção constatamos que, de certa forma, o artista tem enganado Cronos, não sendo devorado como todos os seus filhos. Sua produção é intensa, com mais de 50 anos de atividade ininterrupta. De acordo com o crítico de arte, Enock Sacramento, "Régis Machado vem construindo, há anos, uma lógica simétrica, científica e ordenada no campo da geometria sensível, uma das vertentes mais poderosas da arte contemporânea; uma obra na linha do plenamente visual, asséptica e essencial".

Na exposição individual "O tempo que esvai", as obras expostas podem ser divididas em três principais grupos que, de certa forma, representam sua carreira. Podemos perceber que o artista se mantém fiel aos princípios construtivistas, mas sempre investigando novas possibilidades estéticas. Régis mantém a curiosidade e inventividade de um garoto que se inspira em tudo que encontra pelo caminho: uma gaveta, uma caixa, um pedaço de madeira, uma tábua de MDF, tubos de PVC... e que são transformados em obras de arte com formas

coloridas, geométricas, tridimensionais.

A série mais “exuberante” desta exposição é composta de 4 obras tridimensionais de parede e uma escultura, estes são os trabalhos mais antigos do artista presentes nesta mostra. Régis, brinca com as formas, cores fortes e texturas das obras, instigando o observador a buscar os sentimentos que essas obras trazem.

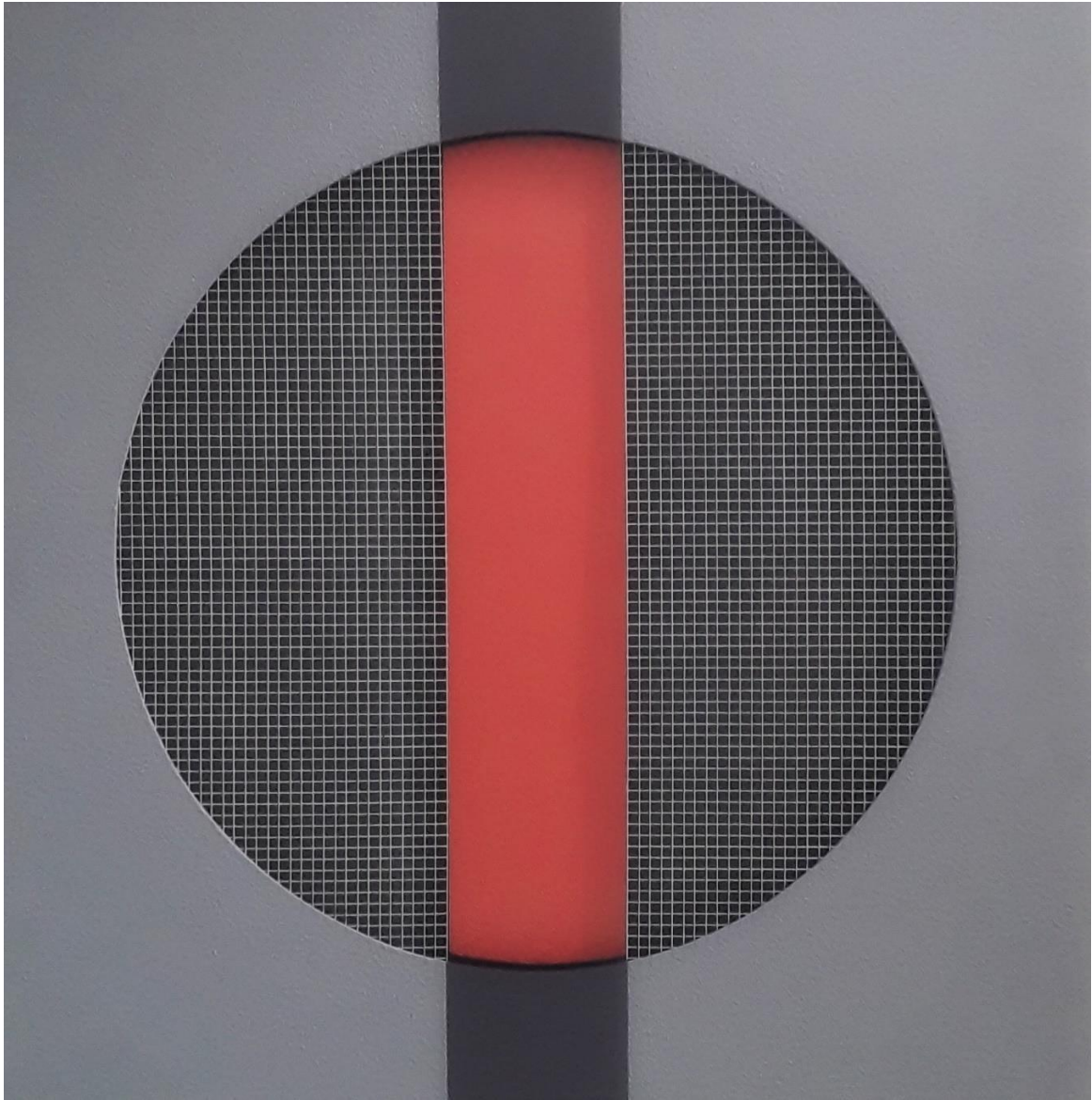
A série mais recente (entre 2017-2018) é composta de objetos tridimensionais, em sua maior parte todos brancos, com pequenos detalhes coloridos, sendo o oposto do conjunto das obras mais antigas. Esses objetos flertam com o minimalismo, apresentando o mínimo possível de cores e, ao mesmo tempo, mantém o princípio básico do construtivismo, despertando a curiosidade do público para sua representação. A série de objetos manipuláveis é feita com gavetas, e assim como a série Bichos da artista Lygia Clark, podem ser manipulados e reconfigurados pelo público, permitindo que o observador brinque com os trabalhos e componha novos objetos a partir da obra original.

Como na canção Oração ao Tempo, Régis parece ter feito um acordo com o senhor Tempo para se manter inventivo e criativo, conservando o prazer de um garoto que não espera o tempo legítimo para criar.

Régis Machado nasceu em Paraibuna em 1944, e vive em São José dos Campos. Frequentou atelier de Anderson Fabiano, Lúcio Moreira e Quissak Jr. Participou de várias mostras em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Salvador e muitas cidades do interior paulista. Sua última individual em uma galeria comercial foi na Galeria Miriam Badaró, em 2015. Tem premiações em diversos salões de artes, dentre eles: Salão de Arte Contemporânea de Campinas, Bienal Nacional de 1977, Salão de Artes da Grande São Paulos, 1º Salão Luz e Movimento (MAM-RJ), Salão de Arte Contemporânea de Santo André, entre outros.

**Paulo Henrique Rosa – fevereiro/2020**

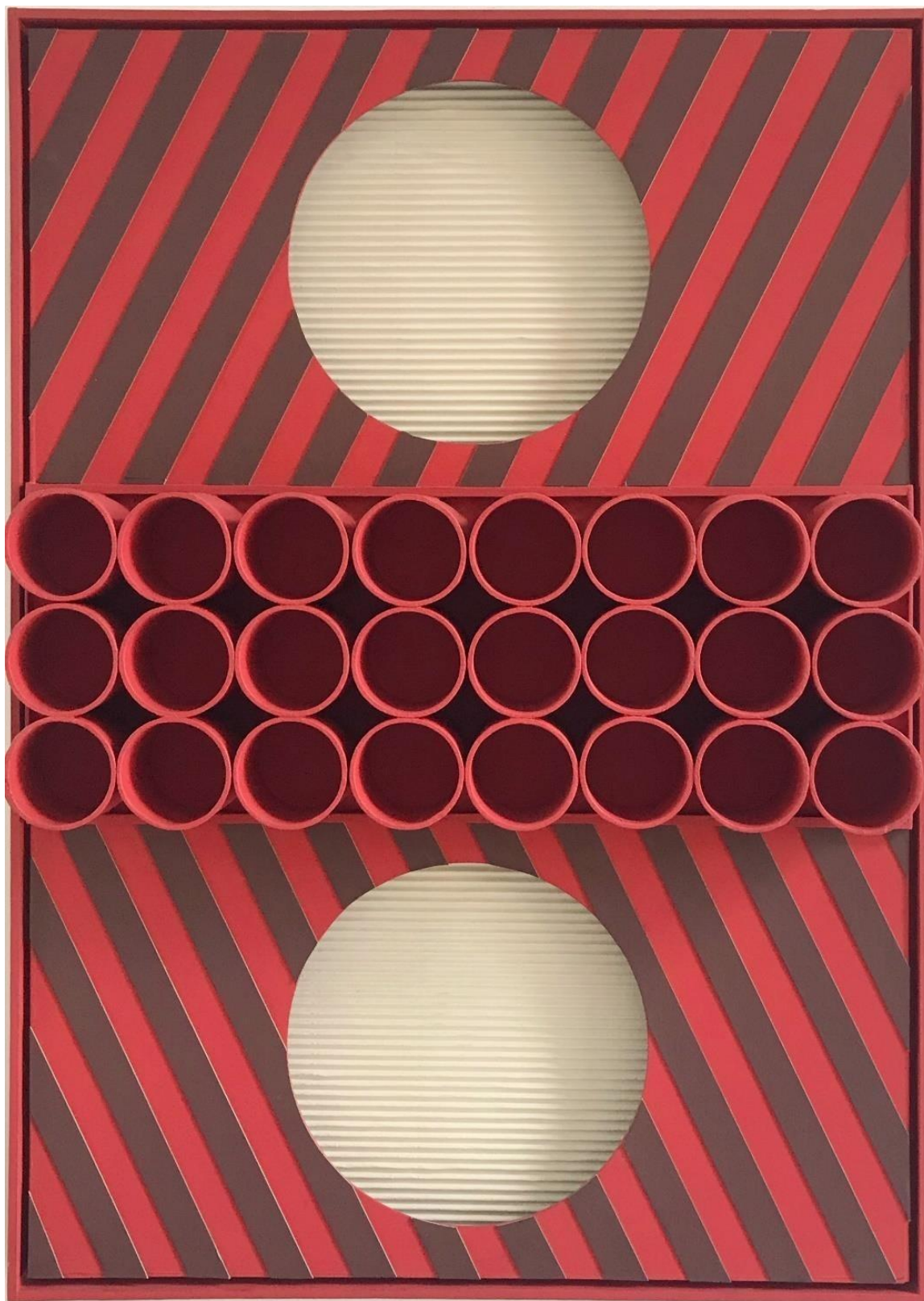
---



**Objeto escultórico #1**

Técnica mista, 2014

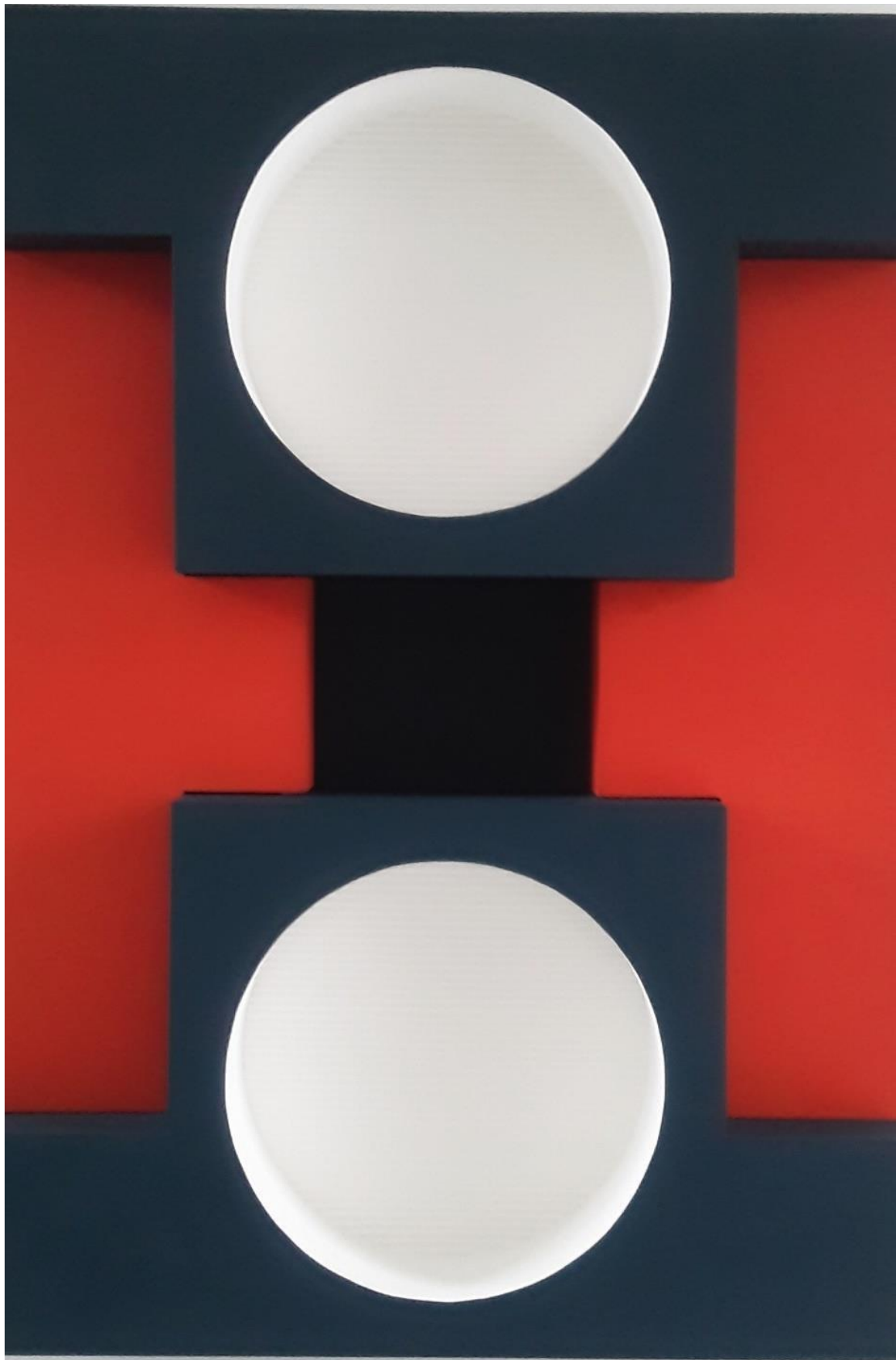
100 x 100 cm



**Objeto escultórico #2**

Técnica mista, 1989

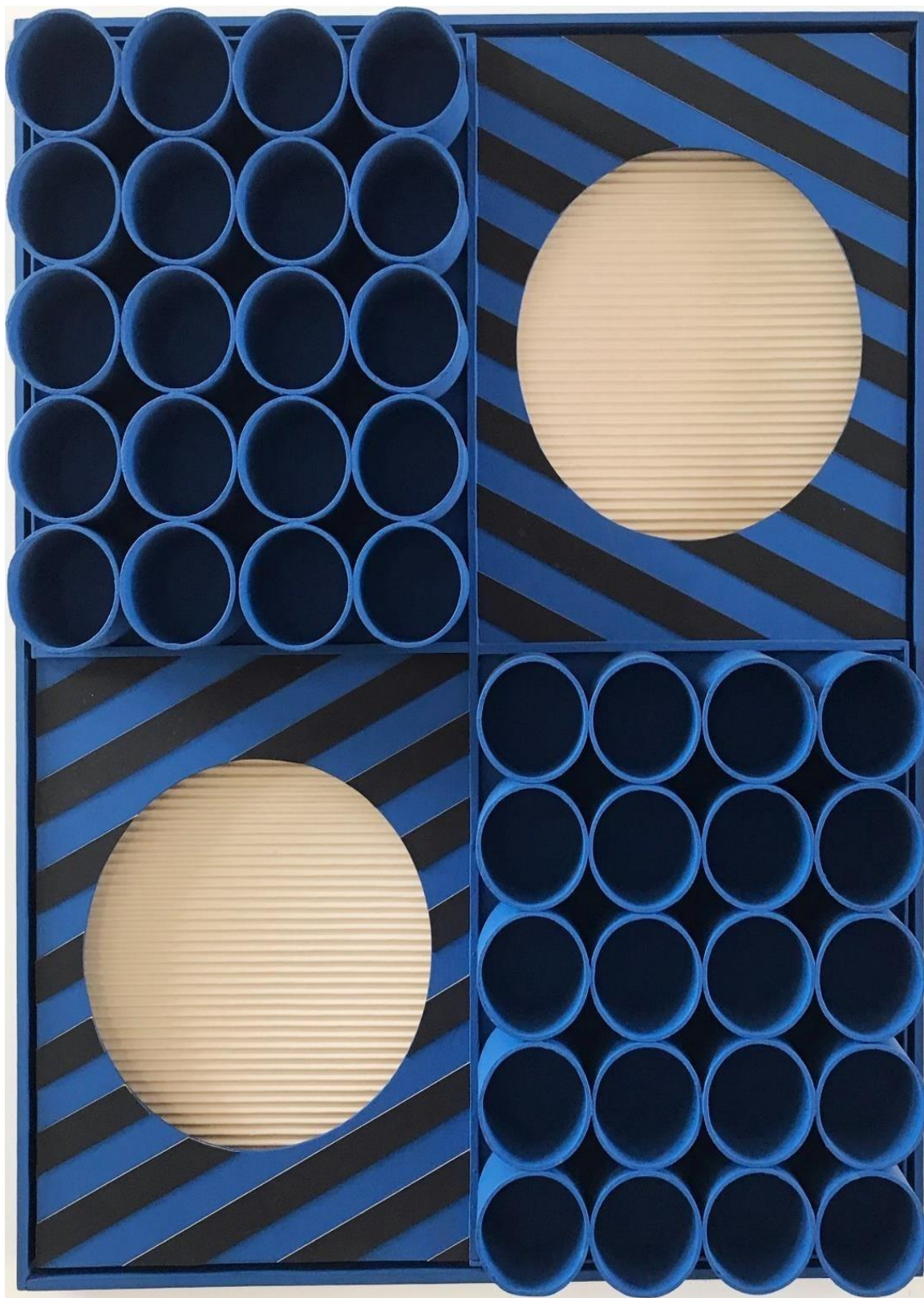
92,5 x 66 x 9,5 cm



**Objeto escultórico #3**

Técnica mista, 1974

88,5 x 63,5 x 15 cm

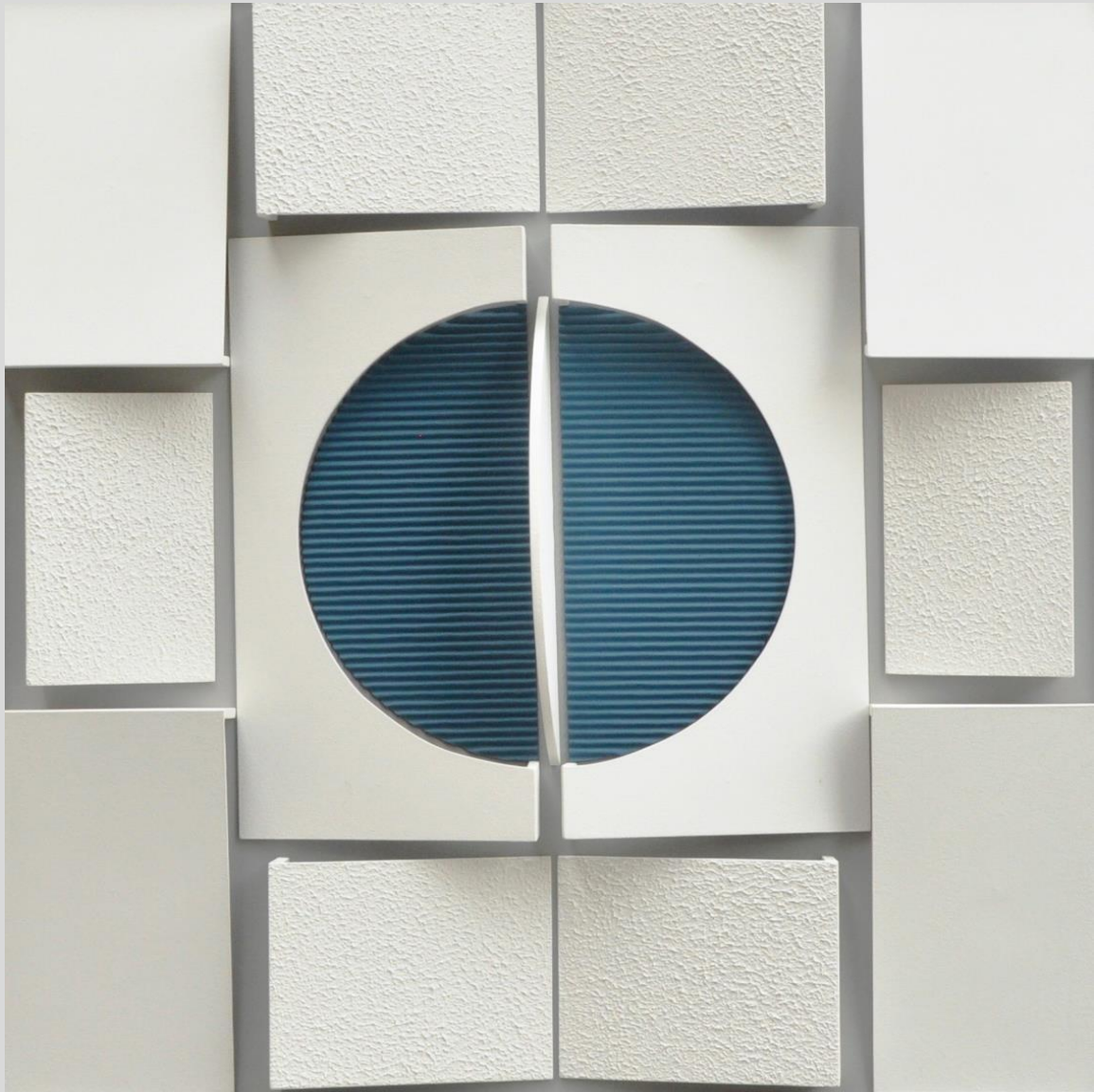


**Objeto escultórico #4**

Técnica mista, 1989

86,2 x 70 x 10 cm





**Objeto escultórico #5**

Técnica mista, 2014

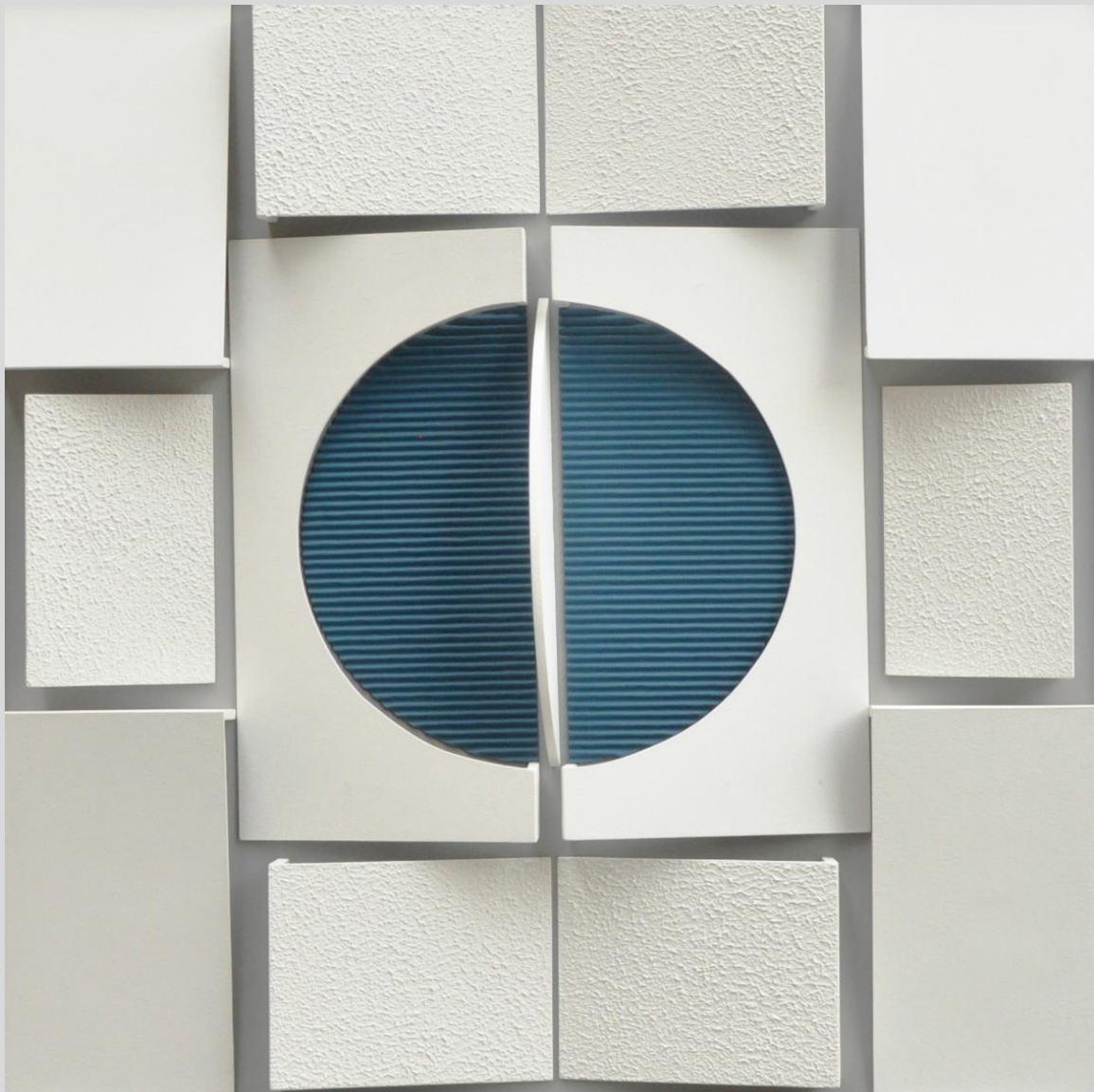
77,5 x 72 x 10 cm



**Objeto escultórico #6**

Técnica mista, 2014

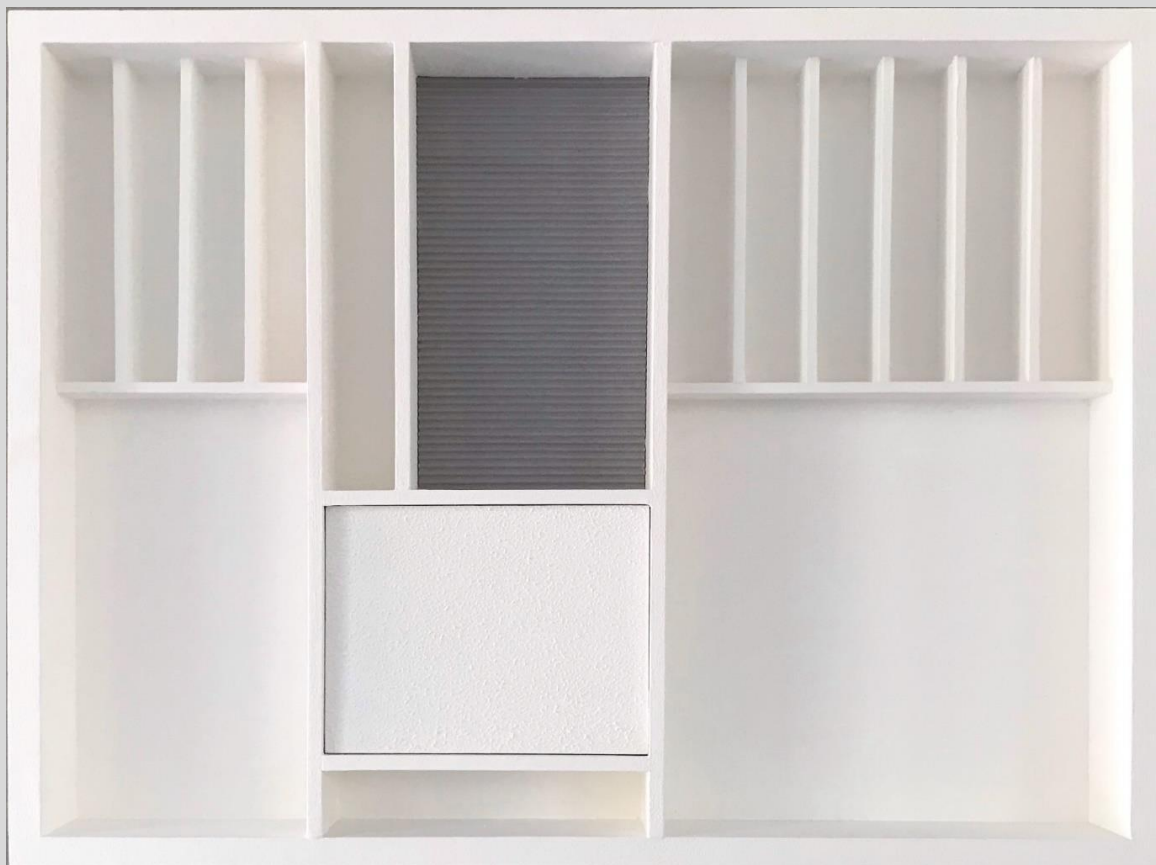
77 x 72,5 x 10 cm



**Objeto escultórico #7**

Técnica mista, 2014

77,5 x 72 x 10 cm



**Objeto escultórico #8**

Técnica mista, 2018

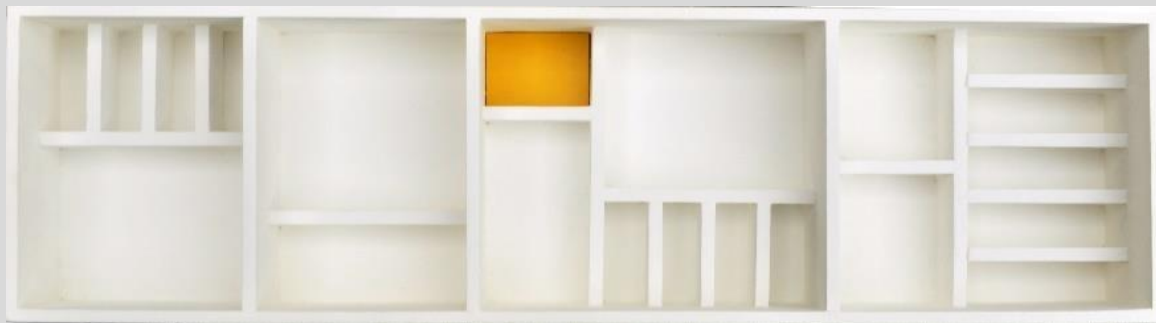
59 x 77 x 7,5 cm



**Objeto escultórico #9**

Técnica mista, 2018

20,5 x 190 x 7,5 cm



**Objeto escultórico #10**

Técnica mista, 2017

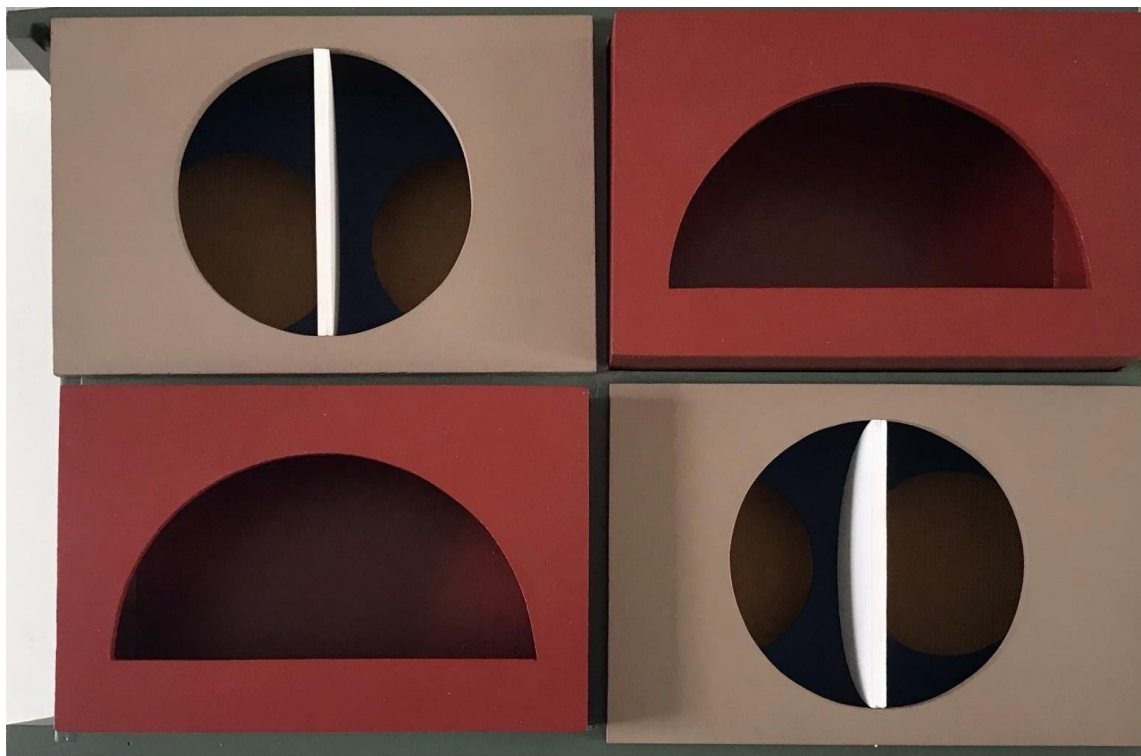
16 x 58,5 x 7,5 cm



**Objeto escultórico #11**

Técnica mista, 1991

139,2 x 88 x 29 cm



**Objeto escultórico #12**

Técnica mista, 2014

33 x 46,5 x 13,5 cm

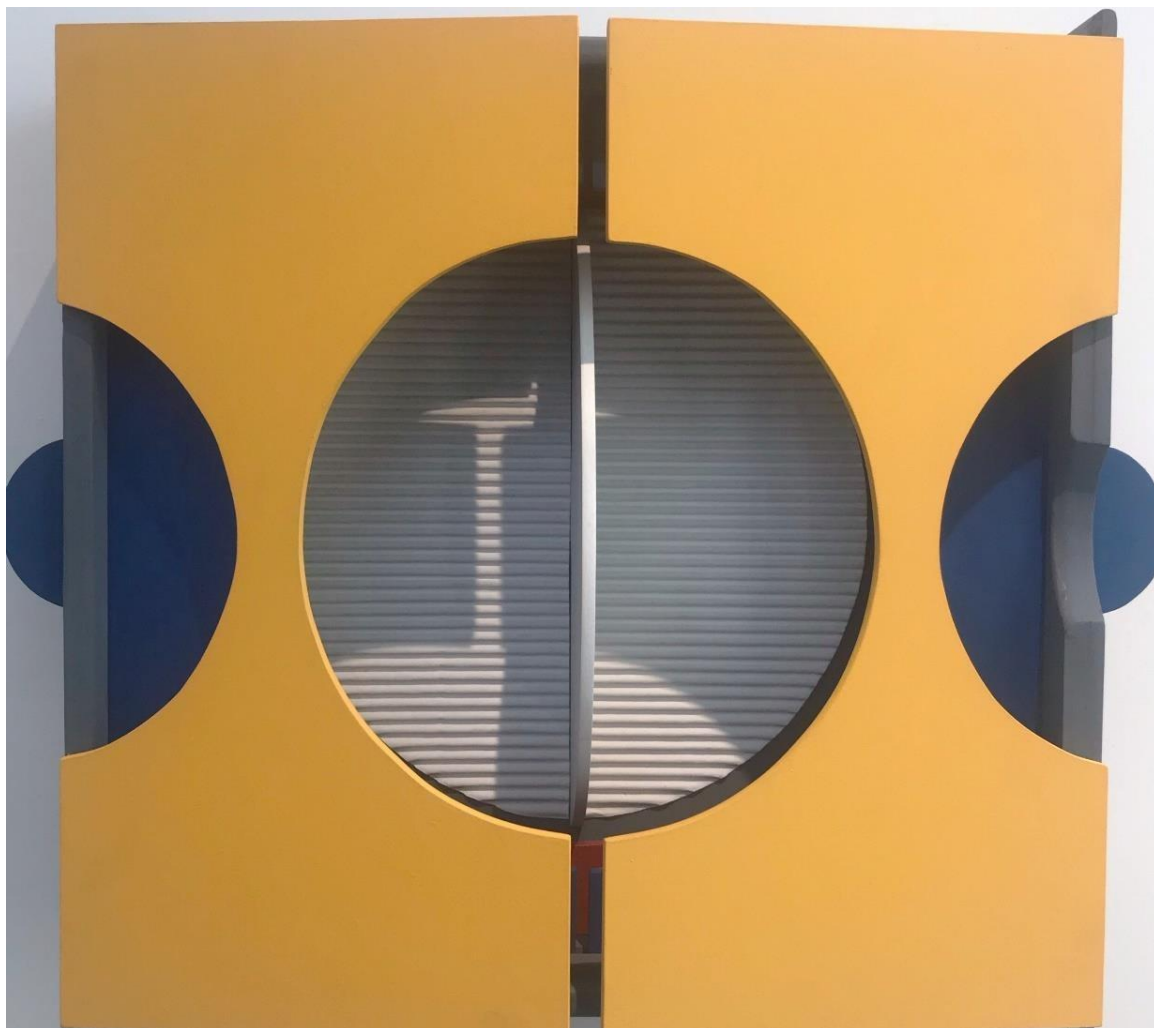




**Objeto escultórico #13**

Técnica mista, 2014

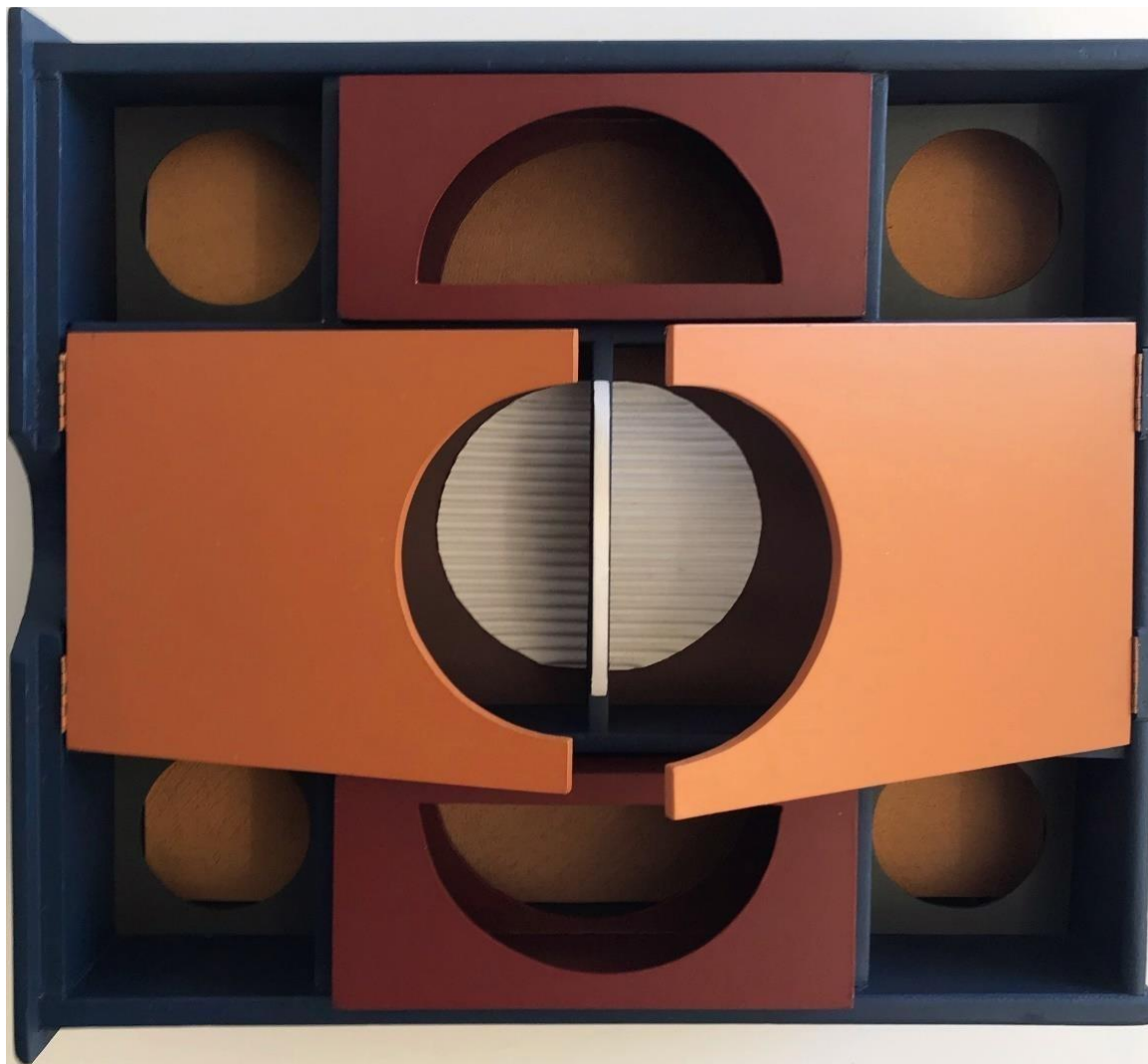
20,5 x 190 x 7,5 cm



**Objeto escultórico #14**

Técnica mista, 2014

45 x 66,5 x 14,5 cm



**Objeto escultórico #15**

Técnica mista, 2014

45,5 x 49,5 x 15 cm

# EXPOGRAFIA

---

---











Realização

Galeria Poente

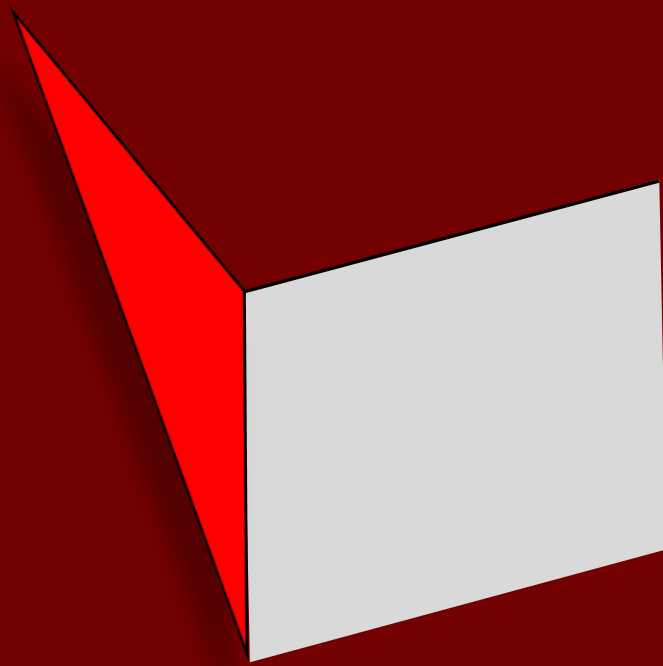
Fotos: Érik Mour

Diagramação: Érik Mour

Avenida Anchieta, 1564

Jardim Esplanada, São José dos Campos – SP





GALERIA

POENTE